

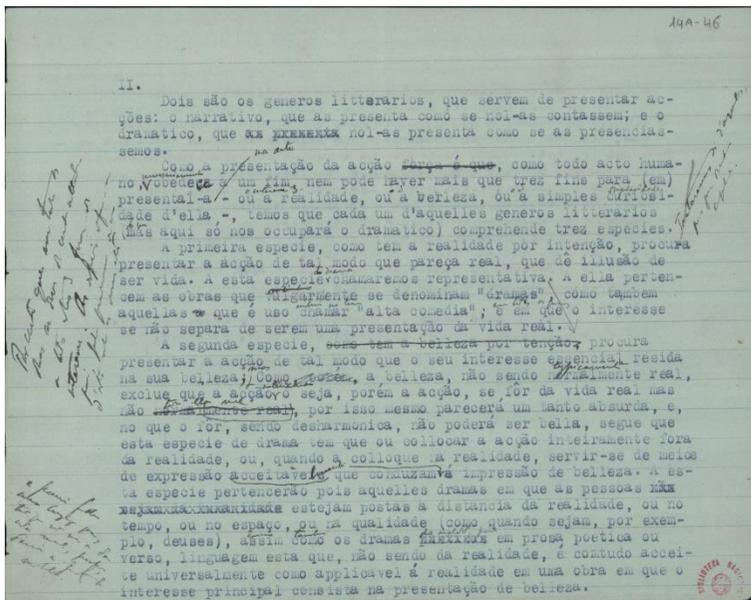
I.

Propomo'-nos determinar qual seja o valor artistico do drama "Octavio", de que é auctor Victoriano Braga.

Como, na cousas que são da arte, o gosto é que é juiz, porém, se os seus dictames não que /de\ pesar como sentenças, não ha de ser o nosso gosto, que não pode ser juiz polo alheio, nem o gosto de uns, que não pode ser juiz polo de outros, senão um gosto que /para\ todos possa dar leis e porisso traga em si os motivos para a sua acceitação, força é que uma determinação d'aquellas assente ~~na applicação exacta de principios, aos quaes se reconheça o character de verdadeiros~~. E como, na arte como no gosto que d'ella ajuiza, nem ha sciencia, a que nos acostemos, nem auctoridade, que valha como /por\ sciencia, temos que estabelecer nós-mesmos os principios, de que nos sirvamos, ~~fazendo os objectivos pela demonstração. Querendo ser criticos,~~ ~~temos que ser, primeiro, philosophos da critica.~~ e, como tem que ser ~~objectivos~~ verdadeiros, e porisso ~~demonstrados~~ objectivos, temos primeiro que demonstral-os per meio do raciocinio. Temos que ser estabelecer, como legisladores, e ~~seguros,~~ das leis que depois applicaremos, como juizes. Querendo ser criticos, temos que ser, primeiro, philosophos da critica.

Em trez partes, portanto, se divide a determinação objectiva do valor do drama /da obra\, em cujo exame vamos empregar-nos: primeiro, esse ~~drama~~ obra a que especie pertence?; segundo, quaes são os principios objectivos, per meio dos quaes se mida o valor ou força de uma ~~drama~~ obra d'essa especie?; terceiro, applicados esses principios ao drama /á obra\, de que se tracta, que valor, então, tem ella?

Daremos a este estudo o enredo, e o seguimento, que esta divisão impõe.



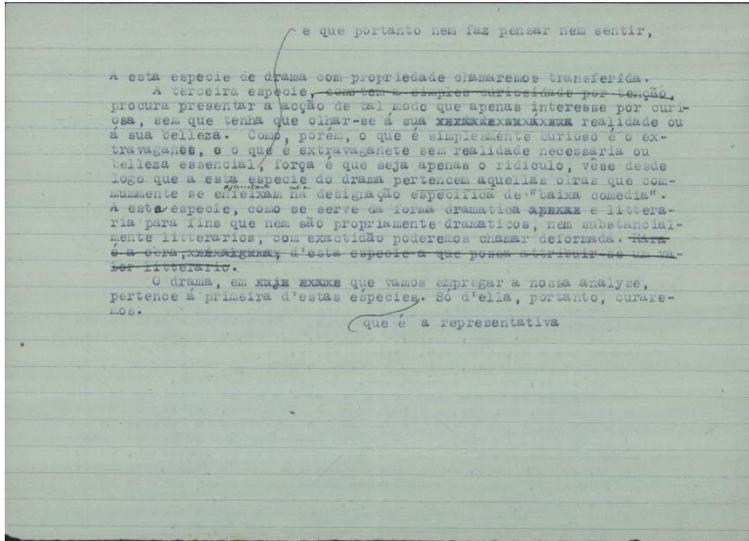
II.

Dois são os generos litterarios, que servem de apresentar acções: o narrativo, que as presenta como se nol-as contassem; e o dramatico, que ~~as presenta~~ nol-as presenta como se as presenciássemos.

Como a apresentação da acção ~~força é que~~, como todo acto humano, necessariamente obedece a um fim, nem pode haver mais que tres fins para (em) presental-a - ou a realidade, ou a belleza, ou a simples curiosidade /singularidade\ d'ella -, temos que cada um d'aquelles generos litterarios (mas /de que\ aqui só nos occupará o dramatico) comprehende tres especies. Trataremos só d'aquellas que o genero dramatico comprehende. Por certo que em todas as obras se deve de certo attender a todas estas 3 formas de interesse. As especies definem-se pois, pela predominancia de uma d'estas sobre as duas outras.

A primeira especie, como tem a realidade por intenção, procura presentar a acção de tal modo que pareça real, que dê illusão de ser vida. A esta especie chamaremos representativa. A ella pertencem as obras que vulgarmente se denominam "dramas", como também aquellas ~~que~~ que é uso chamar "alta comedia"; e em que /em todas as quaes\ o interesse se não separa de serem uma apresentação da vida real.

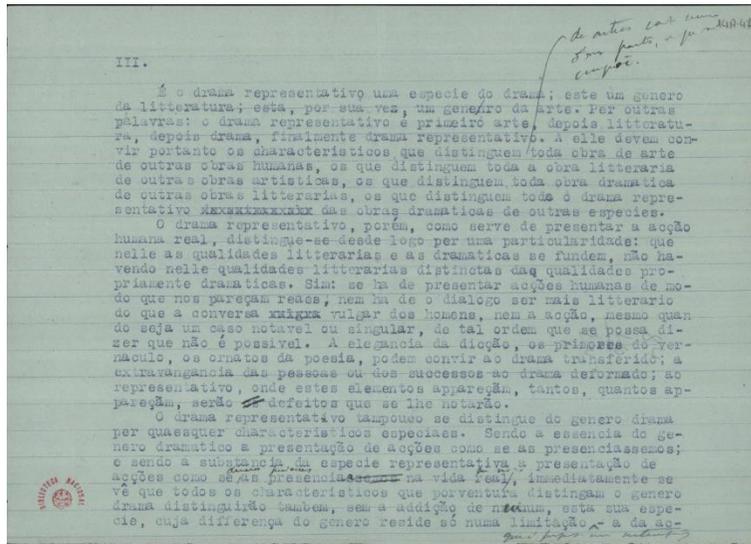
A segunda especie, ~~como tem a belleza por tenção~~, procura presentar a acção de tal modo que o seu interesse essencial resida na sua belleza; ~~como se~~, a belleza, não sendo normalmente real, exclue que a acção seja, porém a acção, se fôr da vida real mas não ~~normalmente real~~, por isso mesmo parecerá um tanto absurda, e, no que o fôr, sendo desharmonica, não poderá ser bella, segue que esta especie de drama tem que ou collocar a acção inteiramente fora da realidade, ou, quando a colloque na realidade, servir-se de meios de expressão ~~aceitaveis~~ que produzam a impressão de belleza. A esta especie pertencerão pois aquelles dramas em que as pessoas ~~não sejam da humanidade~~ estejam postas a distancia da realidade, ou no tempo, ou no espaço, ou na qualidade (como quando sejam, por exemplo, deuses), assim como os dramas ~~finxidos~~ em prosa poetica ou verso, linguagem esta que, não sendo da realidade, é contudo aceite universalmente como applicavel á realidade em uma obra em que o interesse principal consista na apresentação de belleza.



A esta especie de drama com propriedade chamaremos transferida.

A terceira especie, ~~como tem a simples curiosidade por tenção,~~ procura apresentar a acção de tal modo que apenas interesse por curiosa, sem que tenha que olhar-se á sua ~~verdade ou á sua~~ realidade ou á sua belleza. Como, porém, o que é simplesmente curioso é o extravagante, e o que é simplesmente sem realidade necessaria ou belleza essencial, força é que seja apenas o ridiculo, vê-se desde logo que a esta especie do drama pertencem aquellas obras que commumente se enfeixam na ^{/ajunctam sob a\} designação especifica de "baixa comedia". A esta especie, como se serve da forma dramatica ~~apenas~~ e litteraria para fins que nem são propriamente dramaticos, nem substancialmente litterarios, com exactidão poderemos chamar deformada. Rara é a obra, se alguma, d'esta especie a que possa attribuir-se um valor litterario.

O drama, em ~~este~~ ~~exame~~ ^{este} ~~exame~~ que vamos empregar a nossa analyse, pertence á primeira d'estas especies que é a representativa. Só d'ella, portanto, curaremos.



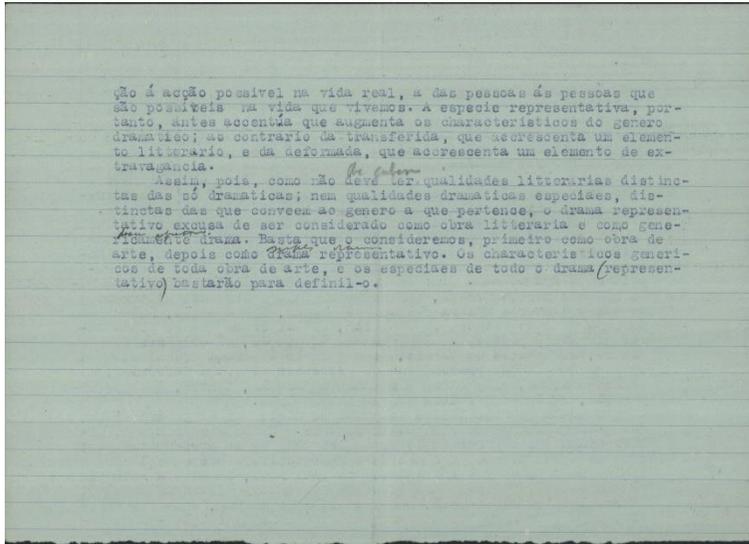
III.

É o drama representativo uma especie do drama; este um genero da litteratura; esta, por sua vez, um genero da arte. Per outras palavras: o drama representativo é primeiro arte, depois litteratura, depois drama, finalmente drama representativo. A elle devem convir portanto os characteristics que distinguem de outras cada uma d'essas partes, de que se compõe toda obra de arte de outras obras humanas, os que distinguem toda a obra litteraria de outras obras artisticas, os que distinguem toda obra dramatica de outras obras litterarias, os que distinguem todo o drama representativo ~~de outras obr~~ das obras dramaticas de outras especies.

O drama representativo, porém, como serve de apresentar a acção humana real, distingue-se desde logo per uma particularidade: que nelle as qualidades litterarias e as dramaticas se fundem, não havendo nelle qualidades litterarias distinctas das qualidades propriamente dramaticas. Sim: se ha de apresentar acções humanas de modo que nos pareçam reaes, nem ha de o dialogo ser mais litterario do que a conversa ~~vulgar~~ vulgar dos homens, nem a acção, mesmo quando seja um caso notavel ou singular, de tal ordem que se possa dizer que não é possível. A elegancia da dicção, os primores do vernaculo, os ornatos da poesia, podem convir ao drama transferido; a extravagancia das pessoas ou dos successos ao drama deformado; ao representativo, onde estes elementos appareçam, tantos, quantos appareçam, serão ~~os~~ defeitos que se lhe notarão.

O drama representativo tampouco se distingue do genero drama per quaesquer characteristics especiaes. Sendo a essencia do genero dramatico a presentação de acções como se as presenciássemos; e sendo a substancia da especie representativa a presentação de acções como se de veras as pudéssemos presenciásemos ~~na vida real~~ sem mais, immediatamente se vê que todos os characteristics que porventura distingam o genero drama distinguirão tambem, sem a addição de nenhum, esta sua especie, cuja differença do genero reside só numa limitação que é propriamente uma interpretação - a da ac-

BNP/E3, 14A - 47v



Transcrição

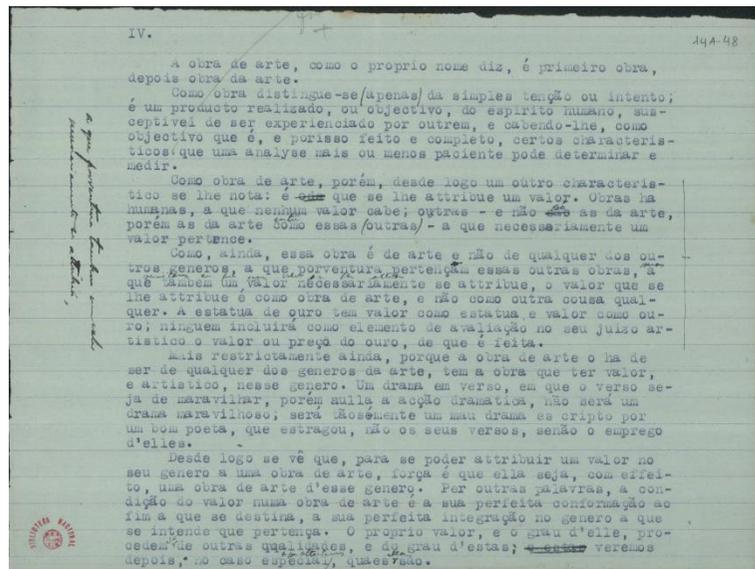
ção á acção possível na vida real, a das pessoas ás pessoas que são possíveis na vida que vivemos. A especie representativa, portanto, antes accentúa que augmenta os characteristics do genero dramatico; ao contrario da transferida, que accrescenta um elemento litterario, e da deformada, que accrescenta um elemento de extravagancia.

Assim, pois, como não deve ter ^{/he cabem\} qualidades litterarias distinctas das só dramaticas; nem qualidades dramaticas especiaes, distinctas das que conveem ao genero a que pertence, o drama representativo excusa de ser considerado como obra litteraria e como genericamente drama ^{/drama} _{representativo\}. Basta que o consideremos, primeiro como obra de arte, depois como drama representativo _{/simple drama\}. Os characteristics genericos de toda obra de arte, e os especiaes de todo o drama (representativo) bastarão para definil-o.

BNP/E3, 14A - 48^o

Transcrição

IV.



A obra de arte, como o proprio nome diz, é primeira obra, depois obra de arte.

Como obra distingue-se (apenas) da simples tenção ou intento; é um producto realizado, ou objectivo, do espirito humano, susceptível de ser experienciado por outrem, e cabendo-lhe, como objectivo que é, e porisso feito e completo, certos caracteristicos que uma analyse mais ou menos paciente pode determinar e medir.

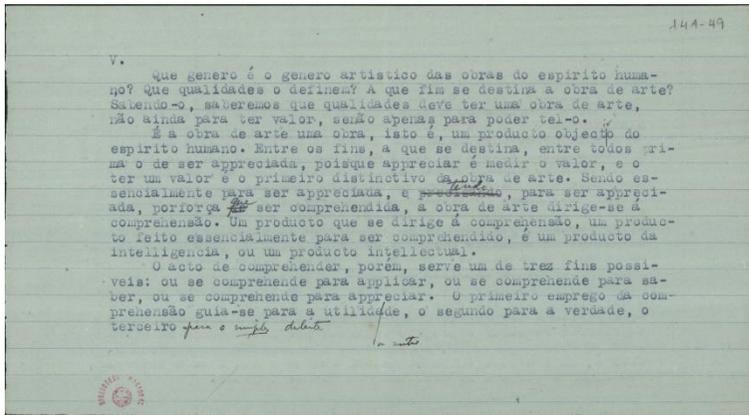
Como obra de arte, porém, desde logo um outro caracteristico se lhe nota: é ~~o~~ que se lhe attribue um valor. Obras ha humanas, a que nenhum valor cabe; outras - e não são só as da arte, porém as da arte como/entre\ essas/(outras)\ - a que necessariamente um valor pertence.

[Como, ainda, essa obra é de arte e não de qualquer dos outros generos, a que porventura pertencem essas outras obras, a que também um valor necessariamente se attribue, o valor que se lhe attribue é como obra de arte, e não como outra cousa qualquer. A estatua de ouro tem valor como estatua e valor como ouro; ninguém incluirá como elemento de avaliação no seu juizo artistico o valor ou preço do ouro, de que é feita.]

Mais restrictamente ainda, porque a obra de arte o ha de ser de qualquer dos generos da arte, tem a obra que ter valor, e artistico, nesse genero. Um drama em verso, em que o verso seja de maravilhar, porém nulla a acção dramatica, não será um drama maravilhoso; será tão sómente um mau drama escripto por um bom poeta, que estragou, não os seus versos, senão o emprego d'elles.

Desde logo se vê que, para se poder attribuir um valor no seu genero a uma obra de arte, força é que ella seja, com effeito, uma obra de arte d'esse genero. Por outras palavras, a condição do valor numa obra de arte é a sua perfeita conformação ao fim a que se destina, a sua perfeita integração no genero a que se intende que pertença. O proprio valor, e o grau d'elle, procedem de outras qualidades, e do grau d'estas; e estas veremos depois, no caso especial, queescrevo.

BNP/E3, 14A - 49^o

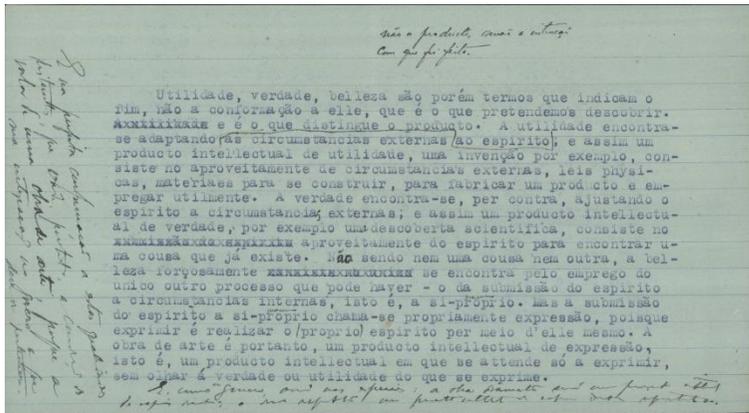


V.

Que genero é o genero artistico das obras do espirito humano? Que qualidades o definem? A que fim se destina a obra de arte? Sabendo-o, saberemos que qualidades deve ter uma obra de arte, não ainda para ter valor, senão apenas para poder tel-o.

É a obra de arte uma obra, isto é, um producto objectivo do espirito humano. Entre os fins, a que se destina, entre todos prima o de ser apreciada, poisque apreciar é medir o valor, e o ter um valor é o primeiro distinctivo da obra de arte. Sendo essencialmente para ser apreciada, e ~~precisando~~ tendo, para ser apreciada, porforça ~~de~~ que ser compreendida, a obra de arte dirige-se á comprehensão. Um producto que se dirige á comprehensão, um producto feito essencialmente para ser comprehendido, é um producto da intelligencia, ou um producto intellectual.

O acto de comprehender, porém, serve um de trez fins possiveis: ou se comprehende para applicar, ou se comprehende para saber, ou se comprehende para apreciar. O primeiro emprego da comprehensão guia-se para a utilidade, o segundo para a verdade, o terceiro para o |simples| deleite.

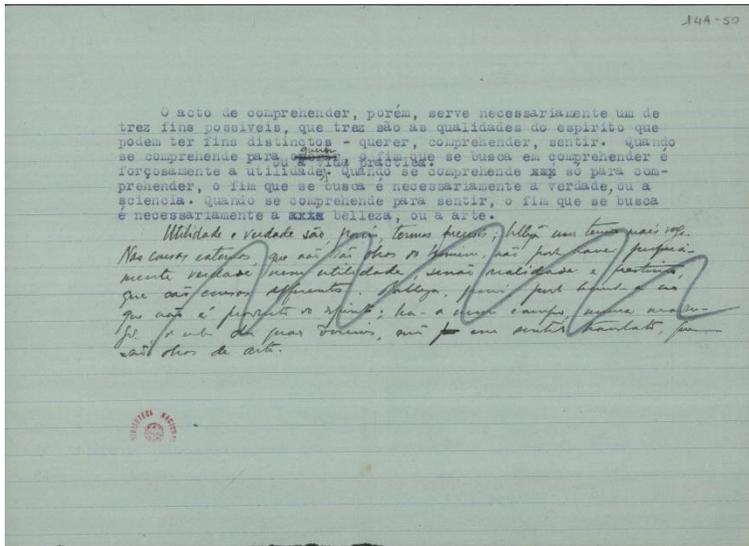


Utilidade, verdade, belleza são porém termos que indicam o fim, não a conformação a elle, que é o que pretendemos descobrir. ~~A utilidade~~ Não o producto, senão a intenção com que foi feito e é o que distingue o producto. A utilidade encontra-se adaptando ao espirito as circumstancias externas; e assim um producto intellectual de utilidade, uma invenção por exemplo, consiste no aproveitamento de circumstancias externas, leis physicas, materiaes para se construir, para fabricar um producto e empregar utilmente. A verdade encontra-se, per contra, ajustando o espirito a circumstancias externas; e assim um producto intellectual de verdade, por exemplo uma descoberta scientifica, consiste no ~~submissão do espirito~~ aproveitamento do espirito para encontrar uma coisa que já existe. Não sendo nem uma coisa nem outra, a belleza forçosamente ~~consiste no unico~~ se encontra pelo emprego do unico outro processo que pode haver - o da submissão do espirito a circumstancias internas, isto é, a si-proprio^(mesmo). Mas a submissão do espirito a si-proprio^(mesmo) chama-se propriamente expressão, poisque exprimir é realizar o (proprio) espirito per meio d'elle mesmo. A obra de arte é portanto, um producto intellectual de expressão, isto é, um producto intellectual em que se attende só a exprimir, sem olhar á verdade ou utilidade do que se exprime.

E, como no genero, assim nas especies: a obra dramatica será um producto intellectual de especie dramatica; o drama representativo um producto intellectual de especie dramatica representativa. E na perfeita conformação a estas qualidades distinctas, que sendo, portanto, a condição do valor de uma obra de arte, porque a sua integração no genero a que deva pertencer.

BNP/E3, 14A - 50^o

Transcrição



O acto de comprehender, porém, serve necessariamente um de tres fins possiveis, que tres são as qualidades do espirito que podem ter fins distinctos - querer, comprehender, sentir. Quando se comprehende para ~~operar~~ ^{querer} o fim que se busca em comprehender é forçosamente a utilidade ou a vida practica. Quando se comprehende ~~é~~ ^{só} para comprehender, o fim que se busca é necessariamente a verdade, ou a sciencia. Quando se comprehende para sentir, o fim que se busca é necessariamente a ~~arte~~ ^{belleza}, ou a arte.

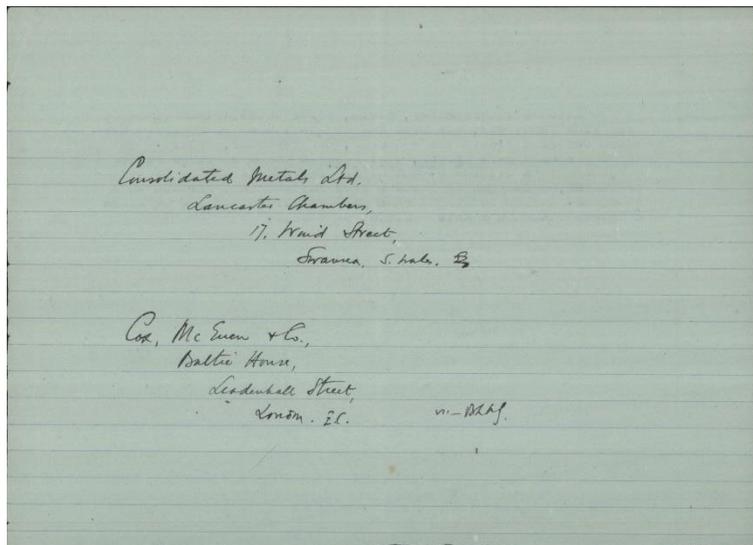
Utilidade e verdade são, porém, termos precisos; belleza um termo mais vago. Nas cousas externas, que não são obras do homem, não pode haver propriamente verdade nem utilidade, senão realidade e prestimo, que são cousas differentes. Belleza, porém, pode haver a no que não é producto do espirito; ha a num campo, numa madrugada, de ambas as quaes diremos, senão por em sentido translató, que são obras de arte.

MODERNISMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

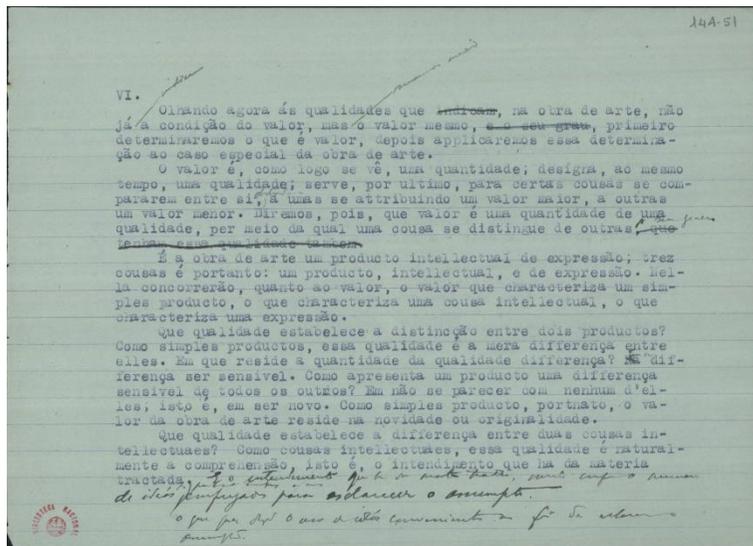
BNP/E3, 14A - 50v

Transcrição



Consolidated Metals Ltd.
Lancaster Chambers,
17, Wind Street,
Swansea, S. Wales.

Cox, Mc Ewen and Co.
Baltic House,
Leadenhall Street
London. E.C. VII - Blag.



VI.

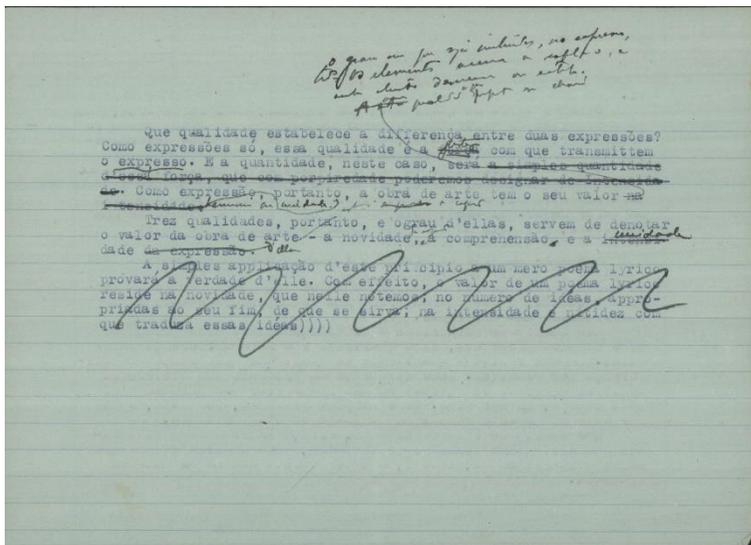
Olhando agora ás qualidades que ~~indicam~~, na obra de arte, não já indicam a condição do valor, mas deixam-nos medir o valor mesmo, e ~~o seu grau~~, primeiro determinaremos o que é valor, depois applicaremos essa determinação ao caso especial da obra de arte.

O valor é, como logo se vê, uma quantidade; designa, ao mesmo tempo, uma qualidade; serve, por ultimo, para certas cousas se compararem entre si, distinguindo-se a umas se attribuindo um valor maior, a outras um valor menor. Diremos, pois, que valor é uma quantidade de uma qualidade, per meio da qual uma cousa se distingue de outras, ~~que tenham essa qualidade tambem.~~

É a obra de arte um producto intellectual de expressão; trez cousas é portanto: um producto, intellectual, e de expressão. Nella concorrerão, quanto ao valor, o valor que caracteriza um simples producto, o que caracteriza uma cousa intellectual, o que caracteriza uma expressão.

Que qualidade estabelece a distincção entre dois productos? Como simples productos, essa qualidade é a mera differença entre elles. Em que reside a quantidade da qualidade differença? Na differença ser sensivel. Como apresenta um producto uma differença sensivel de todos os outros? Em não se parecer com nenhum d'elles; isto é, em ser novo. Como simples producto, portanto, o valor da obra de arte reside na novidade ou originalidade.

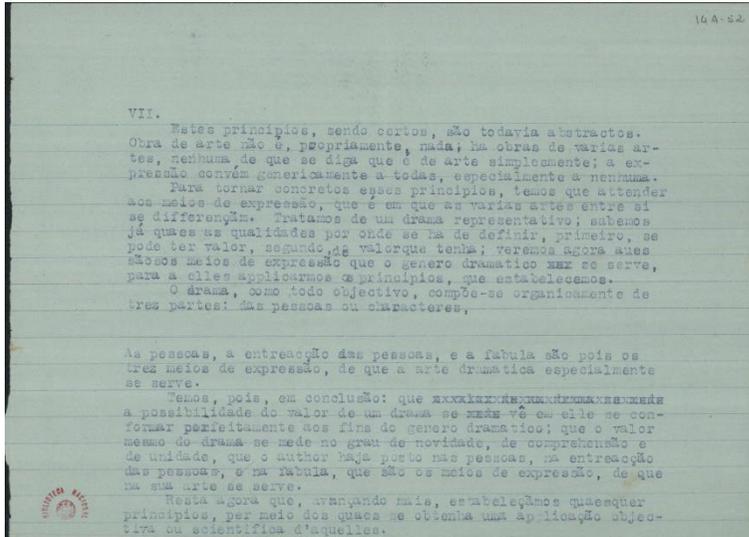
Que qualidade estabelece a differença entre duas cousas intellectuales? Como cousas intellectuales, essa qualidade é naturalmente a comprehensão, isto é, o entendimento que ha da materia tractada. E o entendimento o que ha da materia tractada, varia conforme o numero de idéas, de palavras empregadas ou sons empregados para esclarecer o assumpto. /o que quer dizer o uso de idéas convenientes ao fim de esclarecer o assumpto.\



Que qualidade estabelece a diferença entre duas expressões? Como expressões só, essa qualidade é a ~~força~~ justeza com que transmitem o |expresso|. E a quantidade, neste caso, será a ~~simples~~ quantidade d'essa força, que com propriedade poderemos designar de intensidade o grau em que sejam incluídos, no expresso, todos os elementos necessários a exprimi-lo, e nenhum elemento desnecessário ou estranho. Como expressão, portanto, a obra de arte tem o seu valor ~~A esta~~ numa qualidade a que propriamente se chamará ~~na~~ intensidade unidade ou harmonia.

Trez qualidades, portanto, e o grau d'ellas, servem de denotar o valor da obra de arte - a novidade, a compreensão, e a ~~intensidade~~ unidade d'ella.

A simples aplicação d'este principio a um mero poema lyrico provará a verdade d'elle. Com effeito, o valor de um poema lyrico reside na novidade, que nelle notemos; no numero de idéas, apropriadas ao seu fim, de que se sirva; na intensidade e nitidez com que traduza essas idéas))))



VII.

Estes principios, sendo certos, são todavia abstractos. Obra de arte não é, propriamente, nada; ha obras de varias artes, nenhuma de que se diga que é de arte simplesmente; a expressão convém genericamente a todas, especialmente a nenhuma.

Para tornar concretos esses principios, temos que attender aos meios de expressão, que é em que as varias artes entre si se differenciam. Tratamos de um drama representativo; sabemos já quaes as qualidades por onde se ha de definir, primeiro, se pode ter valor, segundo, de valor que tenha; veremos agora quaes são os meios de expressão que o genero dramatico se serve, para a elles applicarmos os principios, que estabelecemos.

O drama, como todo objectivo, compõe-se organicamente de tres partes: das pessoas ou characteres, {...}

As pessoas, a entreacção das pessoas, e a fabula são pois os tres meios de expressão, de que a arte dramatica especialmente se serve.

Temos, pois, em conclusão: que o valor de um drama se mede a possibilidade do valor de um drama se mede em elle se conformar perfeitamente aos fins do genero dramatico; que o valor mesmo do drama se mede no grau de novidade, de comprehensão e de unidade, que o author haja posto nas pessoas, na entreacção das pessoas, e na fabula, que são os meios de expressão, de que na sua arte se serve.

Resta agora que, avançando mais, estabeleçamos quaesquer principios, per meio dos quaes se obtenha uma applicação objectiva ou scientifica d'aquelles.

14 A-53

VIII.

A perfeita conformação de uma obra aos fins a que se destina vê-se evidentemente na sua conformação ao que seja essencial nesses fins. No exemplo, que demos, de uma obra dramática em verso, onde o verso é bello e mau o drama, o author não se conformou ao fim principal do drama. Qual é esse fim principal.

A perfeita conformação de uma obra ao fim a que se destina vê-se na expressão, que ella contemha, do que seja primordial, ~~xxxxxxxx~~ aquillo per meio do que esse fim se defina.

Um drama representativo serve de apresentar a acção humana, tal qual a vemos na vida que nos cerca. O drama representativo, que perfeitamente se conforme ao seu fim, e porisso tenha, não diremos o valor, porém porcerto a condição d'elle, deve de revelar esse elemento essencial. Ora o que neste caso é essencial é, quanto ás pessoas, que sejam naturaes e humanas, e, como ellas se manifestam per meio de dialogo, desde logo se deve notar a naturalidade ou não do dialogo; quanto á entreacção das pessoas, que proceda dos seus characteres, e não da fabula; da fabula, que derive da entreacção dos characteres.....

dialogo natural;
entreacção como na vida, isto é, procedendo dos characteres
acção como na vida, isto é,

VIII.

A perfeita conformação de uma obra aos fins a que se destina vê-se evidentemente na sua conformação ao que seja essencial nesses fins. No exemplo, que demos, de uma obra dramática em verso, onde o verso é bello e mau o drama, o author não se conformou ao fim principal do drama. Qual é esse fim principal.

A perfeita conformação de uma obra ao fim a que se destina vê-se na expressão, que ella contemha, do que seja primordial, ~~nesse fim~~ aquillo per meio do que esse fim se defina.

Um drama representativo serve de apresentar a acção humana, tal qual a vemos na vida que nos cerca. O drama representativo, que perfeitamente se conforme ao seu fim, e porisso tenha, não diremos o valor, porém porcerto a condição d'elle, deve de revelar esse elemento essencial. Ora o que neste caso é essencial é, quanto ás pessoas, que sejam naturaes e humanas, e, como ellas se manifestam per meio do dialogo, desde logo se deve notar a naturalidade ou não do dialogo; quanto á entreacção das pessoas, que proceda dos seus characteres, e não da fabula; da fabula, que derive da entreacção dos characteres.....

{...} dialogo natural; {...}

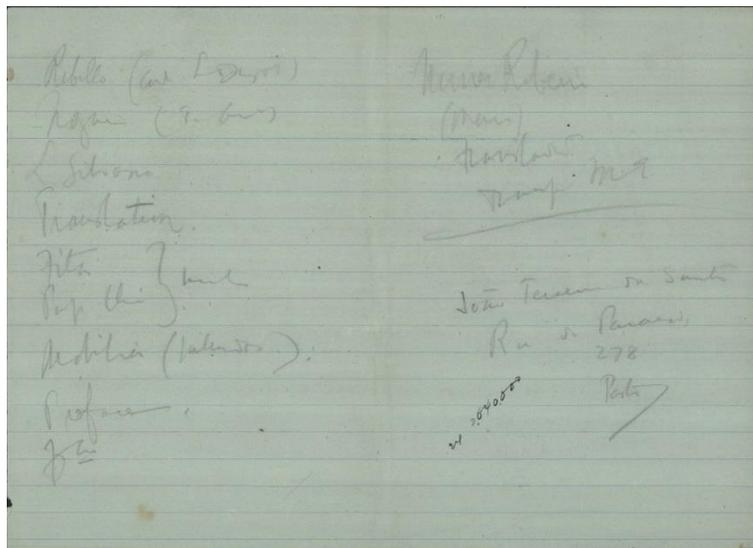
{...} entreacção como na vida, isto é, procedendo dos characteres {...}

{...} acção como na vida, isto é, {...}

MODERNISMO

Arquivo Virtual da Geração de Orpheu

BNP/E3, 14A - 53v



Transcrição

Rebello (col. ††)
Nogueira (T †)
L. Silvano
Translation
Fita
Papel chimico
Mobilia (†)
Preface

Nunes Ribeiro
(†)
Translation
††

João Teixeira dos Santos
Rua do Paraíso
278
Posto
24 2.640.00

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).